

## A INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM SÍNDROME DE DOWN: OLHAR O ALUNO ALÉM DAS APARÊNCIAS

Erivan Alves dos Santos <sup>1</sup>  
Izaura Maria de Andrade da Silva <sup>2</sup>

### RESUMO

O referente trabalho tem como objetivo geral analisar as práticas educativas inclusivas que são desenvolvidas com os alunos com Síndrome de Down (SD). A pesquisa foi desenvolvida em quatro escolas da área rural da rede municipal de ensino de Goiana /PE. Adotou-se nessa investigação a Pesquisa-Ação, de método indutivo com abordagem qualitativa. Usou-se como metodologia a observação participante em sala, entrevista com os professores do 1º ano ao 5º do Ensino Fundamental das escolas pesquisadas. Deu-se orientação para uma reorganização da sala de aula. Selecionou-se e organizou-se um caderno de atividades pedagógicas para a alfabetização desses alunos em português e matemática com apoio dos professores das turmas. Os resultados obtidos mostraram a necessidade de: criação de políticas municipais de formação continuada específica para professores da turma regular, que os motive a direcionar um olhar humano e empático na inclusão dos alunos com deficiência que mude os paradigmas de incapacidade atribuídos a pessoa com SD, adequação curricular caminho alternativo para promover a aprendizagem dos alunos com deficiência intelectual. Diante das análises, percebeu-se que é preciso materializar as leis de qualificação dos professores do ensino regular para incluir esses alunos no ambiente escolar, a sensibilização e formação de todos agentes mediadores da aprendizagem para inclusão, são uns dos pontos chave do resultado dessa pesquisa.

**Palavras chave:** Pessoa com Síndrome de Down, Olhar Além das Aparências, Família, Escola, Professor do Ensino Regular.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo vamos tratar sobre algo que não aprendemos na academia, mas sim, no decorrer de nossa existência na terra, é no viver, conviver e na interação com o outro, que aprendemos a dar importância ao outro ou não, esse valor varia de acordo com o contexto que estamos inseridos ou seja vivendo. É no núcleo familiar que damos os primeiros passos na aprendizagem da estima ao outro. O foco aqui é dar relevância e credibilidade às potencialidades que o outro traz consigo, mas que ainda não se deu conta dessas potencialidades e que precisa de uma mediação para interiorizar e exteriorizar essas potencialidades.

Este trabalho está voltado para a credibilidade das potencialidades das pessoas com deficiências, especificamente as com Síndrome de Down que é o objeto de estudo. Temos o

---

<sup>1</sup> Graduado pelo Curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, erivanalves61@hotmail.com;

<sup>2</sup> Doutora em Educação vinculada ao Departamento de Habilitações Pedagógicas da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, izamarasi@gmail.com

intuito de levar as pessoas diante dessa reflexão, a olharem além das aparências, a pessoa com deficiência. Falaremos a seguir sobre olhar e o ver sobre o aluno na visão de Martins e Pimentel (2009, p.35), que diz: “Falar do olhar não é a mesma coisa que falar do ver. Apesar de ambos partirem do mesmo recurso, a visão, há algo que os diferencia. ”. Mas não iremos nos ater a falar só sobre o olhar do educador, mas também o olhar da família, da escola, porque esses três personagens mediadores são de suma importância para o desenvolvimento das pessoas com deficiências.

Que tipo de olhar esses personagens mediadores estão direcionando às pessoas com deficiências? Eles realmente acreditam que há potencialidades nestes sujeitos? Eles têm contribuído para a inclusão desses sujeitos na sociedade? O tipo de olhar que se direciona a alguém é que vai definir o tipo de interação, relação social e afetiva que haverá com esse alguém, seja um olhar de credibilidade, esperança ou um olhar de desprezo, inferior, incapaz. É o olhar que vai te conduzir na construção de uma convivência e no trato com outro, seja um olhar positivo ou negativo.

O olhar ao qual fazemos referência ultrapassa a função natural da visão, sendo confundido com o ver, as leituras e compreensão de mundo do olhar e do ver são completamente distintos; o ver enxerga o “físico”. Aquilo que a função natural dos olhos pode alcançar, desprovido de emoções, mas o olhar, vai além do físico, pois é capaz de perceber o que não está ao alcance da função natural dos olhos. Esse olhar é movido por emoções, motiva o homem a colocar em exercício o seu ser “humanitário”, que busca compreender o que está por trás de algo, alguém, contexto, situação etc.

A motivação da pesquisa vem da experiência de receber em minha sala de aula uma aluna com Síndrome de Down. A vontade de querer fazer algo a favor da educação dessa aluna me fez embarcar em uma busca pedagógica que favorecesse a sua aprendizagem. Nessa busca, muitas coisas deram certo e muitas deram errado, mesmo sem uma formação específica, que me desse uma base sólida para o trabalho com esses sujeitos, passei a direcionar o meu olhar além das limitações que enxergava, buscando entender humanamente e profissionalmente como daria a assistência pedagógica para desenvolvimento da aprendizagem dessa aluna.

Os objetivos da pesquisa são: Analisar as práticas educativas inclusivas que são desenvolvidas com alunos com síndrome de Down em escola no município de Goiana/PE; entender as fragilidades e possibilidades dos professores em lidar com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com síndrome de Down; Orientar a organização da sala de aula para facilitar a vida escolar dos alunos com Síndrome de Down nas escolas participantes.

## METODOLOGIA

A referente pesquisa foi realizada em Escolas do Campo (rurais) da cidade de Goiana – PE; que oferecem o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano; tendo como sujeitos de pesquisa alunos com SD e os professores . A pesquisa foi realizada apenas em quatro escolas por não conseguirmos localizar, em tempo hábil, todas que tinham alunos com SD.

Foi adotado nesta investigação a Pesquisa – Ação, como método indutivo com abordagem qualitativa, com o intuito de intervir na realidade, para contribuir com os sujeitos da pesquisa. Na perspectiva de favorecer o contexto pesquisado e ser favorecido por esse contexto, na aquisição de conhecimentos e reflexão sobre a realidade. Esse tipo de pesquisa é definido por Thiollent:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (1985, p. 14, apud GIL, 2008, p.55).

O método utilizado foi a observação participante em sala de aula, entrevista com os quatro professores do Ensino Fundamental das escolas pesquisadas, que tinham alunos com SD para compreender as práticas inclusivas direcionadas a esses alunos.

## DESENVOLVIMENTO

Faremos um breve comentário sobre a Síndrome de Down para contextualizar o sujeito da pesquisa dentro do contexto do trabalho aqui descrito, facilitando para o leitor o direcionamento do sujeito pesquisado neste trabalho.

A SD pode ocorrer em qualquer pessoa, não há acepções de qualquer classe social, cultural e gênero para que ela ocorra. A medicina busca entender melhor sua causa, prevenção, limitações de desenvolvimento da pessoa com SD, para poder desenvolver método de acompanhamento clínico que favoreça o desenvolvimento dessas pessoas. A educação busca entender melhor como se dão os processos de ensino e aprendizagem desses sujeitos, para construir métodos pedagógicos, ajudando a desenvolver práticas inclusivas que favoreçam essa aprendizagem.

Até pouco tempo atrás considerava -se que a SD estava dentro da classificação de Deficiência Intelectual (DI) Atualmente esta afirmação é contestada por alguns autores, que defendem que SD não é sinônimo de deficiência intelectual, mas pode em um número

significativo de caso está associada a essa condição genética. É uma alteração permanente que ocorre em um dos cromossomos que compõem a estrutura do DNA, os cromossomos são responsáveis pela definição de características físicas específicas de cada indivíduo, definindo a genética desse sujeito. Os cromossomos se encontram no núcleo de cada célula que compõem o ser vivo, as células são compostas por 46 cromossomos, divididos em 23 pares, a alteração ocorre no par 21, que ao invés de ter só dois pares de cromossomos, tem 3. É denominada de Trissomia 21, mas além desse tipo de condição genética que dá origem a SD, há mais duas, a Translocação Cromossômica e o Mosaicismo Cromossômico.

Em 1866, o médico inglês Dr. John Langdon Down, descreveu a síndrome de forma precisa, ficou mais compreensiva as características da síndrome, por isso recebeu o sobrenome desse médico, em sua homenagem.

A contribuição descritiva desse médico, foi de suma importância para a identificação desse grupo específico, com particularidades específicas dentro da classificação de deficiência intelectual (DI), porque além da lentidão no seu desenvolvimento cognitivo, há outros problemas ocasionados por essa síndrome.

A família é o primeiro grupo social que o indivíduo tem contato ao nascer, porém, bem antes disso, houve um planejamento para receber um novo ser neste mundo, é traçado várias expectativas, que vai da preferência do sexo, a escolha do nome, enxoval, e ao suposto futuro que esse indivíduo terá em sua existência na terra, no entanto, tem coisas que fogem do nosso controle humanamente falando.

Mas todas essas expectativas, entram em declínio quando esse indivíduo nasce com alguma deficiência, as famílias começam a dar vazão ao sentimento de culpa, incredibilidade, impotência, tristeza, sofrimento, incapacidade, compaixão etc. Passam a deixar de lado todos os planos feitos para a vida desse indivíduo, e começam a ver seu filho com outros olhos, direcionando ao mesmo pensamento de incapacidade, focando apenas na deficiência, adiando a oportunidade de conhecer desde cedo, a essência que seu filho trouxe consigo e de possibilidades de se desenvolver pleno, não se equiparando com os outros indivíduos, mas sim com sua própria capacidade de avançar de acordo com as interações como meio, consigo e com os outros.

De acordo com Tunes (2001, p. 4 *apud* SOUZA, 2008, p.29) “ O nascimento de uma criança com síndrome de Down não pode ser visto como uma tragédia. Ao contrário, deve ser sentido com amor e agradecimento. Pessoas especiais são dadas apenas para pessoas especialmente capazes”. Nos dias de hoje, ainda é um choque para as famílias quando recebem a notícia que seu filho que vai nascer tem uma deficiência. É neste momento que começa a luta

da família para aceitar a deficiência e do indivíduo desde seu nascimento, mesmo de forma inconsciente, pela sua convivência no mundo, com o mundo e com o outro.

Será que o desejo de ter um filho ou adotar um filho é pautado em uma perfeição “física”? E o amor que tenho para dar a meu filho será transformada em sentimento de repúdio por causa da deficiência? Os planos de convivência e interação com meu filho, será anulado por causa da limitação da comunicação e da interação dele? Em um olhar, podemos fazer o bem ou o mal a alguém.

Bem sabemos que um olhar, em seu silêncio peculiar, porque não faz uso direto das palavras, tem efeitos avassaladores, “diz” tudo: inclui ou exclui, acarinha ou esbofeteia, desnuda ou recompõe, expressa indiferença ou cumplicidade, abraça ou ignora o sujeito alvo desse olhar (MARTINS e PIMENTEL, 2009, p. 38).

A família que recebe em seu núcleo familiar um membro com Síndrome de Down (SD), a importância dessa no processo da aprendizagem desse sujeito é indispensável mais que na vida de um sujeito sem SD. É preciso que esta, seja orientada desde o início do diagnóstico por profissionais que os orientem sobre tudo o que se refere ao seu filho e seu desenvolvimento, não só sobre as limitações que a SD ocasiona no desenvolvimento desse sujeito, mas também sobre as possibilidades de melhorar esse desenvolvimento, através acompanhamentos com diversos especialistas, que vai do acompanhamento clínico ao acompanhamento pedagógico.

A estimulação precoce é a base para o desenvolvimento desse sujeito, quando esse fator não é levado a sério, há um grande prejuízo no desenvolvimento da pessoa com SD, é preciso que a família entenda que esse estímulo vai ajudar seu filho a alcançar a independência e autonomia, sendo essa estimulação de responsabilidade da família. Para Voivodic (2008, p. 46 apud SOUZA, 2008, p. 32), “ torna - se importante, desde os primeiros anos de vida da criança com SD, a estimulação que leve em conta seus diferentes modos e ritmos de aprendizagem, em função de suas necessidades especiais”, a estimulação varia de indivíduo para indivíduo com SD, cada um tem o seu plano de estimulação específico para atender suas particularidades.

O acompanhamento com os especialistas deve ser uma constância na vida da pessoa com SD, esse acompanhamento vai ajudar essa pessoa a se desenvolver e também vai dar as coordenadas para a família ajudar nesse desenvolvimento cotidianamente, porque os estímulos devem acontecer naturalmente em atividades do dia a dia, favorecendo o amadurecimento do sujeito com SD, no campo motor, intelectual, visual, psicológico, emocional e social etc.

A família deve ter uma boa relação com os profissionais que assistem seu filho de forma clínica e pedagógica, para que ambas as partes exerçam suas funções com excelência, garantindo o sucesso do desenvolvimento do sujeito da aprendizagem. Porém, para essa família

ter a acesso a profissionais qualificados, que atenda a suas necessidades e a do sujeito da aprendizagem, dependera muito do poder aquisitivo que essa família possui, porque a demanda de profissionais no setor público é muito inferior a demanda de usuários que necessita dos serviços públicos.

O núcleo familiar também deve ser assistida por alguns especialistas logo no início do diagnóstico e se necessário após, porque a mesma deve se desarmar de todo tipo de pensamento pessimista, preconceituoso e desumano, é preciso que a família eleve sua autoestima em relação ao acolhimento do filho com SD, pois o mesmo irá precisar de uma família que lhe recebe de braços abertos e com muito amor, para que o desenvolvimento desse novo membro da família ocorra em um ambiente estimulador, saudável e amoroso. Para Voivodic (2008, p.54 *apud* SOUZA, 2008, p. 29) “famílias que conseguem manter a ligação afetiva, estreita e positiva com a criança favorecem a aprendizagem, proporcionando condições de desenvolvimento e segurança para sua independência e autonomia”. Quando isso acontece, a família tem o prazer de buscar meios para favorecer o desenvolvimento e o bem-estar desse sujeito no mundo. Sabemos que essa mudança no olhar e no interagir com a pessoa com SD dentro do núcleo familiar, não acontece do dia para a noite e tampouco com todos membros, é um processo lento que precisa ser estimulado a mudança de paradigma aos poucos, porém os primeiros passos dever ser instigados assim quando se obtém o diagnóstico do sujeito com SD.

Esse grupo precisa ver o membro com SD, como qualquer outro membro da família, a única diferença é que esse membro vai precisar de mais atenção, cuidados, carinho, amor, compreensão, estimulação e paciência para poder se desenvolver gradualmente em seu tempo. Não é preciso usar de infantilização constante para poder interagir com os mesmos, tem que se dirigir ao mesmo de acordo com a fase de vida que se encontra, se é criança, trate como criança, se é adolescente trate como adolescente, se é adulto trate como adulto, para poder desenvolver o amadurecimento desse sujeito dentro de cada fase. Porém, é conveniente que se respeite também a capacidade de compreensão dele dentro dessa interação com o mundo e com o outro.

A pessoa que tem SD, deve ser tratada pelos seus familiares com naturalidade e respeito, visto como capazes de se desenvolver como qualquer pessoa O ambiente familiar é um dos principais responsáveis pelo sucesso ou fracasso do desenvolvimento desse sujeito. E assim também deve se estruturar outros espaços, os quais essa pessoa vai interagir no decorrer da sua vida, como por exemplo o espaço escolar.

A escola, é um dos espaços contemplados com todo tipo de diversidade, incluindo a diferença entre pessoas com deficiência e sem deficiência.

A escola exerce um papel fundamental na construção de uma sociedade melhor e instruída intelectualmente, culturalmente, politicamente e socialmente. No entanto, quando a escola não exerce sua função com excelência, ela inclui e exclui, é nesse espaço que as pessoas tentam ser elas mesmas, independentemente das diferenças que trazem consigo. Mas como a escola está lidando com essa diversidade? Qual seu olhar para diferença que traz seu aluno? Qual seu olhar para a pessoa com deficiência? Como são acolhidas e assistidas as pessoas com deficiência?

É preciso que a escola se desfaça de tudo que lhe impede de oferecer uma educação de qualidade e humanitária, igualitária para todos aqueles que a procuram enquanto espaço de educação e instrução. Porém, é preciso aprender a olhar, para acolher, ensinar e aprender com as diversidades e diferenças, tomando como base os princípios da solidariedade humana. Na visão de Martins e Pimentel, (2009, p. 45): “Exercitar esse jeito de olhar é também torna – lo mais justo, despojado de preconceitos, que sabe discernir para avaliar e acomodar situações de conflito”.

Para aceitar uma pessoa com Síndrome de Down (SD) dentro do espaço físico da escola, é preciso que os profissionais da educação se preparem humanamente, fisicamente, pedagogicamente, filosoficamente e sociologicamente para fazer com que essa pessoa usufrua de tudo que é feito dentro desse espaço, como uma pessoa sem SD. A escola não deve se limitar a direcionar o olhar ao documento de diagnóstico ( laudo médico ), para desacreditar nas possibilidades de desenvolvimento desse sujeito, mas olhar para esse laudo, na busca de conhecer a síndrome e quais os campos de desenvolvimento atingido, para direcionar propostas pedagógicas para estimular esses campos, favorecendo assim o desenvolvimento da aprendizagem desse sujeito.

As instituições escolares devem sair da posição de vítima do sistema de ensino, deixando de lado o argumento que a mesma e seus professores não estão preparados e nem tiveram formação para trabalhar com pessoas com SD, bem sabemos que ainda não há a devida atenção para preparar o professor do ensino regular para trabalhar com alunos com SD. Mas é preciso também que o professor e a escola busquem conhecimentos, alternativas e parcerias com professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou outros profissionais que trabalhem com o contexto de pessoas com SD, para poder começar um trabalho pedagógico mais direcionado com alunos com SD.

Se a escola passar a acolher as pessoas com deficiência, com a visão de ajudar a construir uma sociedade inclusiva e mais humanitária, não será tão difícil de desenvolver um trabalho pedagógico com esses sujeitos. No entanto, bem sabemos que muitas escolas aceitam porque

as leis obrigam, e as mesmas passam a ter uma visão de que a pessoa com deficiência é um “fardo” para toda a escola.

Dentro do contexto escolar, temos um agente mediador que é primordial no desenvolvimento desse sujeito, que é o professor, o qual passa a maior parte do tempo escolar com o aluno, se esse profissional buscar inserir dentro de sua prática docente, uma proposta pedagógica inclusiva, o mesmo fará a diferença por menor que lhe pareça no desenvolvimento da aprendizagem da pessoa com SD, porque é com os pequenos avanços e em longo prazos, que perceberemos o quanto é possível eles se desenvolverem.

O professor é um dos personagens principais desse processo de inclusão plena dos alunos com deficiências, porque nenhum esforço de sensibilização é válido dentro do campo educacional, se não tocar o professor, porque é ele que vai materializar toda ideia e praticabilidade de uma educação inclusiva em sua sala de aula, não adianta nas formações iniciais ou continuadas de professores, ensinarem só práticas pedagógicas de conteúdos instrucionais, mas também incluir dentro dessas formações, práticas de sensibilização humana voltadas às problemáticas existentes em sala de aula, para que os professores possam enxergar além das aparências, sendo capaz de olhar as fragilidades de cada ser em sua sala, sendo capaz de procurar caminhos, que possa levar esses sujeitos cheios de possibilidades e esperança em sua inclusão, a avançar e a superar a cada dia de sua existência as barreiras que lhe são postas pela sociedade. É preciso que esse profissional, traga para sua sala de aula conhecimento e experiência de amor, esperança, empatia, solidariedade, tolerância, paciências, otimismo, crença na capacidade das pessoas.

A formação acadêmica não está dando conta das problemáticas sociais. Os profissionais têm que ter algo a mais que a formação acadêmica, ou seja, tem que ter um olhar afetivo, uma comunicação afetiva, uma interação afetiva para poder compreender como se ensina e se aprende dentro do novo contexto social que se encontra a educação e seu educando. Para ensinar e aprender dentro do contexto social e educacional que a sociedade atual enfrenta, o “OLHAR AFETIVO” sobre o aluno e sobre as situações complexas que perpassam em seu cotidiano dentro e fora da escola, que refletem diretamente em seu processo de aprendizagem. É com essa ferramenta que podemos interpretar o que está por trás dos tais comportamentos dos educandos e que julgamos como falta de interesse na aprendizagem.

No entanto, esse olhar do educador precisa ultrapassar o nível da sensibilidade para se tornar expressão viva, concreta, de sintonia e esperança. E, para ser presença, é necessário lançá-lo para dentro de si mesmo, colocar – se à próprio escuta, despojar – se de modelos idealizados, pré-moldados; indícios de um



saber dogmático e de um querer ver somente aquilo que agrada e recompensa (MARTINS e PIMENTEL, 2009, p. 40).

Se nos determos a exercitar o olhar afetivo sobre nossos educandos; iremos detectar suas potencialidades e fragilidades como ser social, espiritual cultural etc. Assim poderemos orientar melhor, de forma sistematizada em seu processo de aprendizagem. A partir daí ficaremos mais atentos aos gritos silenciosos que ecoam na alma do aprendiz em busca de compreensão, ajuda, motivação, valorização, oportunidade etc.

Olhar afetivo é provocativo e perseverante, sem pausas, sinônimo de cuidado e zelo, capaz de admirar e admitir avanços, de incitar e apoiar mudanças. É aquele que não desiste da batalha de impulsionar o aluno para o novo e levá-lo a desvendar o que desconhece (MARTINS e PIMENTEL, 2009, p. 45).

No entanto, é nesse momento que o educador se encontra com o educando, onde ambos se descobrem como sujeitos que precisam aprender e ensinar; refletindo sobre o contexto particular em que se encontra os mesmos; criando então um vínculo mútuo de solidariedade no processo de ensino e aprendizagem. Podemos também chamar esse olhar de “Olhar Empático”, que levar o professor, a escola e a família a refletir sobre o outro se colocando em seu lugar, ver o outro como gostaria de ser visto, acreditar no outro como gostaria que acreditasse em si, amar o outro como gostaria de ser amado, motivar o outro como gostaria de ser motivado, ajudar o outro como gostaria de ser ajudado, respeitar o outro como gostaria de ser respeitado, tolerar o outro como gostaria de ser tolerado, compreender o outro como gostaria se ser compreendido, etc.

Na concepção de Vygotsky sobre a inteligência, está claro que todos podem aprender, porque a inteligência é dinâmica e vai se construindo e evoluindo de acordo com o estímulo do ambiente, na interação com o outro, na mediação do outro e das particularidades cognitivas, orgânica de cada um. Nesta visão é descartado a ideia de que os indivíduos com ou sem deficiência não aprendem.

Adotar o paradigma vygotskyano implica, como foi dito, apostar nas possibilidades de desenvolvimento do sujeito com necessidades educativas especiais. Nessa perspectiva, um conceito que devemos ter sempre em mente - e que está implícito na noção de plasticidade - é o de que a inteligência não é estática, mas dinâmica, podendo, portanto, evoluir (COSTA, 2006, p. 4).

É com a mediação, a interação com o outro e de forma adequada, organizada, planejada que a pessoa com deficiência terá mais possibilidade de avançar, eficaz em seu processo de aquisição do conhecimento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa, revelou que as fragilidades no trabalho pedagógico dos professores da sala regular de ensino, tem como causa primaria a falta de qualificação desse profissional para construção de uma educação de qualidade na perspectiva inclusiva, pois as atividades direcionadas aos alunos se resumia em pintura de desenhos e de cobrir e copiar letras. No entanto, observou-se nos diálogos e nas entrevistas com esses profissionais, que a inclusão desses sujeitos depende de algo, que vai além da qualificação pedagógica, pois nas análises feitas, entendemos que é preciso adquirir um olhar afetivo e empático para começar a incluir de forma humana e pedagógica.

Observou se vários problemas que impedem a inclusão plena dessas pessoas, como: organização das turmas, estrutura física da escola e principalmente das salas, material didático inadequado, falta de estímulo dos professores impedem que deem assistência pedagógica adequada aos alunos, há também o contexto das salas multisseriadas. Esses alunos vêm se arrastando ao logo dos anos, sem ter uma proposta pedagógica sistemática que favoreça o processo de alfabetizadas e letramento.

Uma das barreiras mais citadas, é a falta de tempo para realizar um trabalho sistematizado, planejado e significativo, com o aluno com síndrome de Down. Isso é preocupante, se todos começarem a introduzir essa ideia de falta de tempo de realizar um trabalho com esse aluno dentro desse contexto educacional. O que será desses alunos com SD? Será apenas mais um número dentro das estatísticas de alunos matriculados em nosso país? Eles não devem se tornarem invisíveis aos olhos dos professores, devem gozar do mesmo direito a educação, que os demais alunos gozam, é preciso refletir melhor para organizar o tempo pedagógico de forma equilibrada, possibilitando a todos o direito de gozar do seu tempo pedagógico em sala de aula e na escola como um todo. Essa barreira citada teve um tom muito forte e repetitivo nas falas dos entrevistados, nos levou a fazer algumas reflexões: Qual o tempo dedicado a ele? Quando esse aluno terá seu tempo? Até quando ele ficará esperando esse tempo? Desde quando ele espera esse tempo chegar? O que será dele se esse tempo não chegar? Quem organiza o tempo em sala de aula? Só não reservamos tempo, para aquilo ou alguém que não acreditamos que fale apenas investir.

Todos relataram que não podem se dedicar aos alunos com síndrome de Down como se deve, porque não podem prejudicar os demais alunos do 5º ano, que todo ano fazem uma avaliação a nível estadual do Sistema de Avaliação da Educação Básica de Pernambuco (SAEPE), alegam que tem que preparar os alunos do 5º ano para a tal avaliação e por esse motivo não tem o tempo necessário para se dedicar ao aluno com síndrome de Down.

O professor deve buscar conhecer as características dessa síndrome e quais os campos de desenvolvimento afetado do sujeito, porque além do atraso intelectual na aquisição do conhecimento, há outras limitações, que precisam ser consideradas, uma das principais é a linguagem, a qual é fundamental para interação do sujeito com o mundo. É por isso que é primordial ter um olhar mais detalhado para as particularidades do sujeito. Assim terá uma visão mais concreta para direcionar o trabalho pedagógico, é de responsabilidade desse profissional adequar o contexto pedagógico quando necessário, para favorecer a aprendizagem desse sujeito e sua interação com o meio.

O espaço escolar deve se reorganizar para se tornar um espaço adequado para oferecer ao aluno com SD uma educação de qualidade que atenda às suas necessidades, é necessário que a escola e seus profissionais entendam que tem que se preparar para receber esse aluno, tornando – se um espaço apto e com profissionais apto para favorecer o desenvolvimento desse aluno, porém, é preciso que a escola e sua equipe de profissionais façam as adequações necessárias para incluir o aluno dentro da dinâmica social, pedagógica, metodológica e curricular do espaço escolar. É de responsabilidade da escola sensibilizar a comunidade escolar para acolher esse aluno de forma natural, dando a devida atenção que precisa, estimulando o mesmo a ser incluso em tudo vivenciado na escola, buscando conhecer suas possibilidades e estimulando suas potencialidades.

A visão de incapacidade das pessoas com deficiência ainda é muito forte dentro da sociedade, principalmente dentro das famílias e das instituições de ensino. Os familiares têm essa visão, por causa da falta de informação e formação, mas nas instituições de ensino ainda assusta essa visão tão ultrapassada diante do avanço educacional do Brasil e em outros países. Os seres humanos com ou sem deficiências, estão em constante movimento de desenvolvimento e aprendizagem plena, seja qual for o campo de desenvolvimento.

A concepção do ser humano como imutável, por nós herdada, gerou na sociedade, e também nos educadores, uma expectativa muito negativa com relação às possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com necessidades educativas especiais, o que pode acarretar consequências desastrosas no processo educativo e de intervenção (COSTA, 2006, p.2).

A ideia sobre as pessoas com deficiência e suas “fragilidades” que Vygotsky nos apresenta, é uma visão que não nega a existência das limitações, e que também não nega a existência de possibilidades de favorecer o desenvolvimento desse indivíduo.

Na percepção de Vygotsky, segundo Costa, a deficiência qualquer que seja, desafiará o organismo do sujeito a buscar a se desenvolver, mesmo com as fragilidades das funções

atingidas pela deficiência, estimulado por fatores internos e externos. Busca desenvolver outras funções que lhe possibilitará entender e interagir com o mundo e com o outro, na perspectiva de um sujeito dotado de possibilidades de desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, cultural, espiritual etc.

O olhar com o qual Vygotsky nos propõe examinar as possíveis limitações dessas crianças não é de complacência ou desânimo, mas, sim, o de uma visão dialética do real, que leve à constatação de que, se existem problemas, existem também possibilidades. E os problemas podem ser uma fonte de crescimento (COSTA, 2006, p. 3).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando passarmos a olhar as pessoas com deficiência como sujeitos que têm possibilidades, saberemos a melhor forma para conduzir o desenvolvimento das aprendizagens das mesmas. Não estamos à procura de fazer o extraordinário acontecer na vida deles, mas de fazer o melhor que possamos, para que os mesmos avancem o máximo que podem, tornando – os visíveis dentro do contexto escolar em uma perspectiva ampla de inclusão.

O acesso à escola não é “garantia” de aprendizagem, principalmente para as pessoas com deficiência, porque não é qualquer prática que promove sua aprendizagem. Não é qualquer mediação que vai desenvolver a inteligência. As práticas voltadas para o trabalho com pessoas com deficiências têm que ir ao encontro das particularidades das mesmas, utilizando-se de didática, recursos, conteúdos, tempo, espaço, estratégias de forma adequada a todo o contexto escolar ao qual as pessoas com deficiência estão inseridas. O objetivo da educação para pessoas com deficiência e sem deficiência é o mesmo, mas para alcançar esses objetivos será preciso traçar caminhos diferentes para promover as aprendizagens e inteligências das pessoas com deficiência, respeitando as particularidades de desenvolvimento de cada um.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Dóris Anita Freire. **Superando Limites**: a contribuição de Vygotsky para a educação especial. In: Rer.psicopedag. vol.23 n° 72. São Paulo,2006.

MARTINS, João Carlos e PIMENTEL, Lucila da Silveira Leite. **O Fazer Pedagógico**: (re) significando o olhar do educador. s.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,s.v. 2009.

SOUZA, Juliana Alves. MONOGRAFIA: **INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO REGULAR**. Nova Andrina – MS.2008.Disponível em: [juhlyanasouza.blogspot.com/2010/01/monografia-inclusao-do-aluno-com.html](http://juhlyanasouza.blogspot.com/2010/01/monografia-inclusao-do-aluno-com.html) acessado no dia 14 de setembro de 2017.